

Muita teoria e nenhuma arte na exposição neo-concreta

MARIA LUCIA LUZ (Pintora-figurativa)

— “1960 representou, para as artes plásticas brasileiras, um ano essencialmente comercial. Foram inauguradas entre nós novas Galerias de Arte, como a Bonino, a do IBEU e outras, mas o grande acontecimento comercial que marcou o ano foi a instituição do “quadro à prestação”, pela **Petite Galerie**. Muito se tem falado da ajuda que esse financiamento dará aos artistas brasileiros, mas, na minha opinião, os que estão interessados no comércio de quadros, atualmente, sofrem também de uma tendência generalizada para nivelar por baixo, colocando o comércio de arte no mesmo plano de gêneros alimentícios, roupas ou calçados, o que me parece um tanto perigoso. Dessa maneira, teremos em breve, não só quadros a prestação, mas também quadros de “meia-confecção” ou o “quadro do dia”, sem entrada e sem juros.

“De um modo geral, o número de exposições aumentou em 1960, e entre elas figurou a de neo-concretos, no Ministério da Educação. Esse grupo de “artistas” têm algo de hilariante: tecem em torno de seu trabalho uma teoria imensa, uma verdadeira academia, extremamente complicada e quase sempre incompreensível, mas quando se chega a entender algo do que dizem ou escrevem, verifica-se que o resultado plástico não corresponde em nenhum ponto à explicação dada... O Museu de Arte Moderna apresentou uma exposição de pintura alemã que teve alguns méritos, embora na-

da possuísse de excepcional. O Salão de Arte Moderna revestiu-se, no início, de um rigor e severidade que levava a crer visasse uma qualidade artística inusitada. No final, verificou-se que, embora tenha o júri rejeitado uma grande quantidade de quadros, o nível artístico nada lucrou. Deve-se assinalar a exposição de Guignard, na Petite Galerie, pois trata-se de um dos nomes mais conhecidos e representativos da pintura brasileira. Também não se pode esquecer o prêmio conquistado por Goeldi na Bienal do México, como um acontecimento de grande importância para as artes plásticas brasileiras.

— “Para 1961, a única perspectiva é a sala Rouault da Bienal de São Paulo. Espero que não seja uma decepção, como foi a de Van Gogh, nada representativa do verdadeira valor do pintor flamengo. Quanto aos artistas plásticos, talvez em 1961 alguém procure solucionar realmente o problema daqueles que desejam viver exclusivamente do seu trabalho, sem se unir a grupos ou “panelinhas”. Talvez os “protetores” das artes plásticas se lembrem que é muito mais importante para o artista contar com uma cooperativa ou ter os seus direitos autorais garantidos, a exemplo do que acontece nos outros ramos do trabalho intelectual. É incrível que se especule com um quadro ou uma escultura sem que o seu autor tenha a menor participação nos lucros, que aumentam a cada transação”.